



**V CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
V CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

EIXO FLUXOS MIGRATÓRIOS E POLÍTICAS SOCIAIS

**Brutalismo de Achille Mbembe e o ser imigrante:
Corpos-Fronteira e a alteridade no século XXI**

Guilherme Figueira Gomes Augusto ¹

Resumo: O artigo "Brutalismo de Achille Mbembe e o Ser Imigrante: Corpos-Fronteira e a Alteridade no Século XXI" analisa a experiência do imigrante como "corpo-fronteira" no sistema capitalista globalizado. Através da obra "Brutalismo" de Mbembe, evidencia como a lógica da alteridade cria zonas de exclusão e precarização para os imigrantes. Com base em análise crítica do capítulo "Corpos-Fronteira", o estudo conclui que o sistema global segrega e explora os imigrantes. Propõe-se uma abordagem que reconheça sua humanidade e combata a lógica da exclusão e da violência.

Palavras-chave: Imigração, Corpos-Fronteira, Desigualdade.

Abstract: The article "Brutalism by Achille Mbembe and the Immigrant Being: Border-Bodies and Otherness in the 21st Century" analyzes the experience of the immigrant as a "border-body" in the globalized capitalist system. Through Mbembe's work "Brutalism," it highlights how the logic of otherness creates zones of exclusion and precariousness for immigrants. Based on a critical analysis of the chapter "Border-Bodies," the study concludes that the global system segregates and exploits immigrants. It proposes an approach that recognizes their humanity and combats the logic of exclusion and violence.

Keywords: Immigration, Border-Bodies, Inequality.

1. INTRODUÇÃO

Pode-se considerar que há uma essência migrante no ser humano desde o início de sua existência enquanto espécie, ainda que anos após fossem estabelecidas enquanto sociedades nômades, temos forte ímpeto em nos movimentarmos ao redor dos lugares pelas mais diversas motivações. Se num primeiro momento, barreiras geográficas eram os principais impeditivos de determinados avanços, atualmente pela difusão e disponibilidade técnica essas já não são mais. Para efeito de comparação, levavam cerca de 60 dias o trajeto da cidade de São Paulo até Ouro Preto, em Minas Gerais. Atualmente, este trajeto é

¹ Professor da Rede Pública do Estado de Minas Gerais, mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFMG, bacharel e licenciado em Geografia pela UFMG.
gfgaugusto@gmail.com.



de cerca de 9 horas, uma queda sensível.(IPHAN, 2022) Isso sem contarmos com as disponibilidades das telecomunicações, numa lógica de contatos quase instantânea.

Num contexto macro, cada vez um maior número de pessoas saem dos seus lugares de origem, de forma voluntária ou forçada, em direção a outras localidades. Este ser migrante é elaborado e concebido de formas e tempos variados, levando em consideração as suas ambições, expectativas e necessidades. Entretanto, o panorama que se apresenta neste um quarto de século já vivido é diferente, mas com aspectos ainda semelhantes aos outrora observados sob este fenômeno.

Torna-se igual, por diversos processos excludentes de ordem identitária e territorial, que impedem o acesso e/ou permanência de grupos específicos em determinados territórios pautados pelos falsos ideais de segurança e preservação, sendo a xenofobia um dos maiores exemplos. Ao mesmo tempo, a modernidade cunhou novas perversidades e mecanismos de controle que não mais necessitam estarem ligados a uma ordem identitária, mas se fazem por abordagens íntimas das funções socioeconômicas e dinâmicas do capital.

O sistema capitalista, por meio do mercado, tem gerenciado e promovido as ferramentas necessárias a este tipo de segregação espacial, simbólica e psíquica, articulando funções e finalidades que lhe são mais úteis e, por consequência, agrupando indivíduos que são mais socialmente aceitos. Em contrapartida, o capitalismo vê como afronta e risco iminente a sua existência como modelo hegemônico o estabelecimento de determinados grupos, pautados principalmente em características específicas que “legitimam” esta exclusão. Ainda assim pulsa e reside em diversos destes indivíduos, majoritariamente de países subdesenvolvidos, o latente desejo de se lançar rumo a certas localidades que lhes proporcionaram, pelo menos na teoria, melhores condições de vida.

Além disso, há uma derrocada das noções de soberania nacional e uma ascensão meteórica de uma lógica de controle empresarial frente às ações e posturas dos Estados. Isso intensifica as orientações sobre os fluxos migratórios que advém das elites, valendo-se dos imigrantes como seres utilitários, fáceis e de rápido descarte, caso não sejam mais funcionais.(GERARD, 2014) Para isso, pode-se acentuar ou diminuir políticas públicas de entrada e permanência, incentivar discursos prós ou contrários aos imigrantes nas mídias e com isso forjar a opinião pública para certo direcionamento. É neste ponto que entra a questão da alteridade, pois ao se apontar os contrastes e diferenças entre os grupos, o sentido de alteridade se modifica de modo a atender as necessidades destas elites rapinantes.

Portanto, este artigo visa associar a obra *Brutalismo*, de Achille Mbembe, principalmente o capítulo 5 denominado *Corpos-Fronteira*, com outros escritos sobre o processo migratório, dando ênfase a imigração, como ação passível de dualidade que nos



dias atuais vem sendo gerida pelas ordens dos mercados, dispondo de vários exemplos no século XXI.

2. O SER IMIGRANTE

Pardes, ou paraíso em Hebraico, é a palavra que se refere a um jardim murado, segundo o Instituto de Estudos Bíblicos de Israel. Talvez essa palavra nunca tenha tido seu sentido tão bem definido como agora. Para alguns, é já estar neste sonho maravilhoso, florido e colorido. Para a grande maioria, aquela do lado de fora dos muros construídos por tijolos dourados, é apenas quimera. Esse paraíso que visa ser alcançado apenas por alguns, os escolhidos, os selecionados e merecedores é retratado tanto nas profecias judaico-cristãs como no mundo real.

O imigrante é esse indivíduo sonhador e muitas vezes não sonhado, impossibilitado de alcançar este paraíso por si só, necessitando sempre de um intermédio. As vezes do metafísico, mas sempre dos homens e suas burocracias. Um princípio quase semelhante a uma ilusão coletiva está no cerne do fenômeno migratório pois é ele a força motriz que inicia este movimento, muitas das vezes sem condições que resguardem tal feito.

Este imigrante se torna um ser "híbrido", sem lugar definido porque não é mais o daqui, nem o de lá, mas uma forma diferenciada. Para (SAYAD, 1998, p.45), essa é uma das duplas contradições da imigração pois este indivíduo vive sob um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, num estado duradouro com intenso sentimento de provisoriedade.

Essa contradição acaba se impondo sobre os três atores dentro deste fenômeno: o imigrante em si, o local de origem e o local-alvo. Ao imigrante, cabe a estrita renúncia da sua estabilidade e a busca de um movimento altivo, direcionado e idealizado. Ao local de origem, apresenta-se a ausência, fadada a um esquecimento destes emigrantes que em muitos momentos insistem em ressurgir. Já ao local-alvo, cabe a *Pardes* como a vida e morte para um novo mundo, mesmo que nunca concretizado em sua materialidade. Por isso, a garantia da permanência do ser imigrante é partilhada por todos.

Este estado do imigrante que não é nem provisório, nem permanente irá permear toda a vivência deste grupo de indivíduos, independente do lugar onde eles pretendem chegar ou já estejam inseridos. Deste modo, irá estabelecer precedentes para que haja uma "permanência tolerada", caracterizada pela roupagem à moda de cada época. Assim os imigrantes são em muitos momentos vistos como necessários, quando não como indispensáveis para a constituição e consolidação de uma economia (SAYAD, 1998)

A consolidação desta economia está baseada num sistema de "Vantagens e Custos", novamente citando (SAYAD, 1998). Este sistema se refere a uma relação íntima do



trabalhador e as suas funções utilitárias com as possibilidades de lucro que a sua presença em determinada localidade possam ser geradas. Caso seja vantajoso para a elite, essa permanência não somente é tolerada como há o incentivo para que se atraia um maior número de pessoas. Caso haja mais custos do que vantagens, aplica-se sobre estes grupos legislações que impedem a sua plena existência, minando garantias e direitos básicos, o que acaba os repelindo, formando uma economia de exigências dos imigrantes.

Em síntese, a definição de imigrante é essa, segundo (SAYAD, 1998, p. 54)

“ Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude deste princípio, um trabalhador imigrante [...] mesmo se nasce pra vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda a sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento” (SAYAD, 1998, p. 54)

Essa definição será crucial ao longo deste artigo, pois será o norte para estabelecer comparações e discussões com os outros textos, principalmente o Brutalismo de Mbembe.

3. BRUTALISMO E OS CORPOS-FRONTEIRAS

“Todo o sistema de produção capitalista repousa no fato de que o trabalhador vende e sua força de trabalho como mercadoria.” (MARX, 1985c, p.48)

A lógica hegemônica capitalista tem conseguido realizar essa leitura de Marx, espremendo ao máximo o trabalhador e extraindo dele o máximo de valor. Estamos cada dia mais expostos a situações que precisamos realizar, colocando em risco a nossa saúde e em maior instância as nossas vidas para a consumação dos atos laborais. Como visto em (MBEMBE, 2020) somos recursos prestes a serem explorados, erodidos e extraídos até seu possível esgotamento. Para isso, o capitalismo se baseia na segregação socioespacial e a legítima com pseudo processos inclusivos.

(MBEMBE, 2019) irá apontar três mega processos que irão regular a ordem dos indivíduos caracterizados como corpos-fronteiras. A primeira é a soberania corporativa do início do século XXI, que irá sobrepor as soberanias nacionais. O segundo mega processo é o novo regime de velocidade computacional e o último processo é a dialética do emaranhado e da separação. Explicaremos cada um deles a seguir.

Primeiramente, há um aumento vertiginoso na concentração, até pouco tempo atrás sem precedentes de conhecimento e poder nas mãos das poderosas empresas capitalistas, principalmente das de alta tecnologia, com ampla esfera de atuação global. Cada vez mais



há o estabelecimento da influência soberana das empresas sobre os estados, rompendo com o predomínio das soberanias nacionais. Ou seja, mesmo o mundo estando majoritariamente sobre a ordem de uma democracia liberal-burguesa, há a acentuação desta participação privada nas esferas políticas, com o “discurso” de se libertar das amarras burocráticas, quando na verdade pretende-se minar os efeitos e práticas democráticas, abolindo a política. Segundo (TAVARES, 2018,p.8):

“ A criminalização da mobilidade transfronteiriça e o recrudescimento das fronteiras para certos fluxos é uma consequência direta dos desafios impostos pela globalização e do aparente enfraquecimento da soberania estatal.” (TAVARES, 2018,p.8)

Com isso, impõe-se segundo (ZUBOFF, 2018) um capitalismo de vigilância, que seria uma “nova arquitetura global de modificação dos comportamentos”, na tentativa de estabelecer uma natureza humana que seja compatível com os modelos e desafios que estarão presentes no século XXI. Por exemplo, a autora aponta como há a criação de um “mercado de futuros comportamentos” onde até mesmo a previsão de como a sociedade irá se portar nos próximos anos está à venda. O capital se expande tão vorazmente que tem conquistado cada vez mais espaço e transformado mais coisas em mercadoria.

Este mercado cada vez mais veloz e computadorizado busca otimizar nossos comportamentos, traduzindo-os em dados que possam ser úteis para a lógica de consumo, ou seja, a informação é também matéria-prima crucial e pautada para o estabelecimento de determinados padrões de correspondência com os indivíduos, na sua forma mais próxima.

Por fim, os aparatos tecnológicos da informação tornaram possível que possamos estar cada vez mais próximos uns dos outros, mas em contrapartida, nos tornamos mais expostos uns aos outros. Ao mesmo tempo, em que se cria estes mecanismos de aproximação, emana tentativas de contração, de distanciamento e enclausuramento, baseadas pela “falta de segurança” que assola a sociedade como um todo. Segundo (MBEMBE, 2014) proteção é a moeda de troca da cidadania, fornecendo pontes para que políticas para a migração estejam sendo tratadas como inerentes a políticas de segurança.

Pois bem, estes três mega processos juntos irão ser fundamentais para uma transformação da natureza das fronteiras, sendo estas agora híbridas, incompletas e segmentadas, criando um sistema de mobilidade fronteira. (MBEMBE, 2019;2020) Este sistema é como um filtro, um bloqueio ao paraíso do imigrante que nele almeja alcançar. Esta fronteira seleciona quais são os corpos tidos como potencialmente arriscados e que merecem permanecer longe de certas localidades. As fronteiras se estabelecem e se materializam enquanto um princípio de dessemelhança, e não de afinidade, sendo carregadas de tensões e contradições.



O imigrante se encontra neste limbo, nesta ausência de identidade e de lugar que o torna ainda mais frágil. Num mundo cada vez mais veloz, móvel e interligado, conceber a existência de tais grupos imigrantes como estagnados é sufocá-lo em seu próprio nascedouro. Ao dividir a humanidade em classes racialmente tipificadas (MBEMBE, 2020, p.143), o capitalismo escolhe aqueles que estão realmente livres para participar do fenômeno da migração e aqueles que estão à margem deste processo, podendo pagar com a própria vida por se arriscar contra a maré. Como visto em (LAZZARATO, 2019, p.87):

“Do ponto de vista do mercado mundial, o poder da morte nunca deixou de se exercer, como mostra o século XX e a nossa atualidade”. (LAZZARATO, 2019, p.87)

Este sistema construído se retroalimenta à medida que a percepção dos corpos-fronteira enquanto tal promove discursos e sustenta mecanismos econômicos que irão combatê-la, possibilitando que indústrias bélicas e de alta tecnologia possam fabricar e vender seus produtos a estes Estados, corroborando com os princípios de vigilância e punição contra certos elementos.

Indo para a forma mais abstrata da relação entre a mutação das fronteiras e da constituição dos corpos-fronteira, deve-se abordar a questão simbólica e discursiva como prerrogativas para todo um paradoxo da alteridade, que será elucidado no capítulo seguinte.

4. O PARADOXO DA ALTERIDADE

Parece meio óbvio que as migrações são um fenômeno interlocacional e interpessoal. A interdependência de seus agentes é constituída de forma única e relativa ao espaço e ao tempo no qual o evento acontece. Por exemplo, as migrações de europeus para o Brasil no século XIX não tem muito fator em comum com as atuais migrações de venezuelanos para o território nacional. Baseada na ideia de ser uma continuidade diferenciada, como uma mesma face de uma única estrutura (COSTA, MOSCHEN, 2013), o conceito de alteridade se propõe a pensar a construção e a existência dos “eus” pautados na relação íntima com os “outros”.

De modo inicial, pode-se afirmar que só podemos saber quem somos, mesmo que longe da totalidade da nossa essência, a partir das inúmeras relações que estabelecemos com os outros. Dentre os pensadores que irão discorrer acerca deste conceito estão Freud, Lacan e Levinas. Para (FREUD, 1993, p.2563) a vida anímica individual aparece integrada sempre, efetivamente, o “outro”, como modelo, objeto, auxiliar ou adversário. Para Lacan, a alteridade estará estritamente interligada às estruturas dos sujeitos e seus simbolismos, e para Levinas a alteridade permeia os princípios éticos inerentes às sociedades.(COSTA,



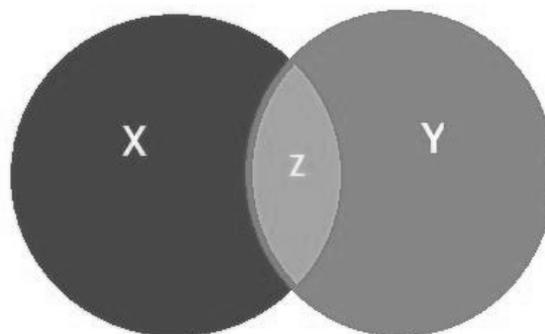
MOSCHEN, 2013) Estes pensadores levam a pensar que toda lógica de uma dita psicologia das individualidades é também, ao mesmo tempo, uma psicologia das coletividades, posicionando o outro, o diferente, como um elemento constitutivo dos sujeitos, dos “eus”.

O ser imigrante é seu próprio eu e o tu de diversos outros grupos. Sua constituição transborda os limites do corpo e acionam sinapses diretas com as pessoas que estão ao seu redor, uma vez que as diferenças neste contexto se impõem não como uma afirmação das múltiplas diversidades, mas como um passaporte que seleciona os que podem e os que não podem entrar. Por meio de simbolismos e discursos, formam-se ligações diretas entre quais tipos de características, valores morais e costumes são socialmente aceitos pelos grupos majoritários de determinadas localidades, e quais são abominados. Ao mesmo tempo, vão aparecendo resistências a este modo de operação visando afirmar a existência destes grupos silenciados e excluídos enquanto indivíduos que necessitam legitimidade e respeito. Daí nasce o paradoxo da alteridade.

Ou seja, pensar a relação entre os sujeitos com a alteridade em si se estabelece enquanto um paradoxo no fenômeno da imigração porque enquanto se tem a formação de identidades e perpetuações culturais juntamente com o outro, permitindo o surgimento e definição dos sujeitos, reside nisso, ao mesmo tempo, o berço de todo mal que irá ser causado para a sua movimentação e estabelecimento em outros espaços, barrados por outros conjuntos que não compactuam com muitos destes valores, tendo-os como inferiores. Abaixo estão dois diagramas que irão ajudar na compreensão do paradoxo descrito.

Figuras 1 e 2: Diagrama de Representação das Relações de Alteridade

RELAÇÕES DE ALTERIDADE ENTRE OS GRUPOS X E Y





Autor: Guilherme Figueira Gomes Augusto
Embasado em: (COSTA, MOSCHEN, 2013)

Pensemos em dois grupos identitários, denominados X e Y. Na primeira figura, representa a inclusão e aceitação do grupo Y e de seus indivíduos no grupo X. Nem todos os indivíduos pertencentes a Y se encontram em X e vice-versa. Da mesma forma, há a possibilidade de indivíduos do grupo X pertencerem a Y. O espaço contido na união destes dois núcleos dispõem assim de total fluidez entre X e Y, diferentemente daqueles pertencentes a apenas um dos grupos. Estes são capazes de formar então a área marcada, um “novo” grupo gerado que chamamos de Z.

Já na figura 2, temos um outro processo no qual há o distanciamento intencional entre os grupos X e Y. Poderíamos pensar em um destes grupos como um país desenvolvido e outro subdesenvolvido, ou um grupo de maioria cristã e outro de maioria muçulmana, etc. Pela segregação forçada e pela valorização das diferenciações, há uma manutenção e isolamento entre os grupos, impedindo a formação de um grupo que seja constituído pelos princípios da alteridade como sócio espacialmente aceito. Deste modo é construído núcleo em Z que dispõe da finalidade de manter elementos disruptivos que impeçam a aproximação dos grupos X e Y. Neste caso, as diferenças não os aproximam, pelo contrário, favorecem ainda mais o afastamento.

Podemos assim perceber que a formação de grupos de alteridade é sempre presente, independente das ações tomadas, entretanto enquanto um favorece a inclusão e acelera a consolidação de “novas formas de pertencimento”, poderíamos ligar isso aos princípios de lugaridade de (RELPH, 1976), outros reforçam os ideias de deslugaridade,



também de (RELPH,1976), no sentido de deslegitimar essas formas de pertencimento entre os indivíduos de determinado coletivo.

Portanto, os corpos-fronteiras são negligenciados e jogados à margem da sociedade por uma estrutura que cria meios que solidificam essa exclusão, tornando-a progressivamente ainda mais fragilizada. No século XXI estes meios estão dispostos de forma difusa, imprecisa e flutuante, o que dificulta o seu combate pleno. Nos aspectos da fragmentação inerente, a alteridade é utilizada de modo dual, sendo heroína para alguns e carrasco para outros.

5. CONCLUSÕES

O projeto final do Brutalismo se aplica no ser imigrante (MBEMBE, 2020, p.19), pois a humanidade que vivencia direta e indiretamente o fenômeno aqui dialogado se torna em matéria e energia do grande empreendimento capitalista de forças que visam apenas o lucro, não importa qual seja o preço que deva ser pago. Neste ponto, leituras de obras como esta do autor camaronês é crucial para repensarmos como a hegemonia deste modelo caminha para abdicarmos da nossa existência enquanto indivíduos dotados de intersubjetividades, servindo neste sistema de correspondências desiguais e abalos incabíveis, se valendo da morte específica de milhões para a construção de uma ode desenvolvimentista global para alguns. Quantos perderam a vida, as histórias e os caminhos apenas por tentar chegar do outro lado ? Quantos foram expulsos de suas terras, suas culturas assoladas em meio de um progresso que não os protege da fome ou do frio? Quantos mais estarão nas mãos das mesmas políticas predatórias que matam de forma descabida ao não compreender o outro como sua maior riqueza ?

Não pretendo caminhar como Mbembe e acreditar que o fim do mundo já está posto. Acredito que ainda há esperança em rever nossos contextos, nossos jogos e espaços, compreendendo que se aprisionar nestas liberdades estáticas propostas pelo capitalismo é apenas se esquivar, mas nunca propor algum golpe. Se no final, houver de sugar até a última gota que neste solo nos restar, pelo menos existirão resquícios daqueles que lutaram contra esse extrativismo humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, André Oliveira; MOSCHEN, Simone Zanon. **Psicanálise e Educação: os paradoxos da alteridade.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n 2, abr./jun, 2013



FREUD, Sigmund. 34ª Conferencia sobre Psicoanálisis. In: FREUD, Sigmund. Obras Completas. Tradução de Luis López-Ballesteros y de Torres. Buenos Aires: Biblioteca Nueva, 1993. Tomo III. Obra publicada originalmente em 1933.

GERARD, Alison. **The Securitization of Migration and Refugee Women**. Nova York: Routledge, 2016.

IPHAN. **Ouro Preto**: Conjuntos Urbanos Tombados. 2022. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/373/>. Acesso em: 18 de julho de 2022.

LAZZARATO, Maurizio. Fascismo ou revolução: o neoliberalismo em chave estratégica. São Paulo: n-1 edições, 2019.

MARX, K. O Capital: crítica da economia política. Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985c. Livro 1, v. 1, t. 2 (Os economistas).

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

_____. **Bodies as borders**. From the european south 4. Johannesburg. 2019.

_____. **Brutalismo**. Brutalisme. Paris: La Découverte, 2020 (no prelo em português pela n-1 edições).

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pilon, 1976.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os Paradoxos da Alteridade**/ Abdelmalek Sayad: prefácio de Pierre Bourdieu; tradução Cristina Murachco- São Paulo: EDUSP, 1998

TAVARES, Natália Cintra de Oliveira. **Onde as fronteiras terminam?** Aspectos da securitização das migrações no Brasil. Anais do III Seminário de Imigração e Emigração Internacional. Belo Horizonte: PUC Minas, 2018

ZUBOFF, Shohana. **A Era do Capitalismo de Vigilância**: A Luta por um Futuro Humano na Nova Fronteira do Poder. Nova York: Relações Públicas. 2018